

Entrevista com Fernando Tordo

*por Marcos Alexandre de Moraes e
Paula Cristina Rocha (UFAL/UEPB)*



Um dos maiores nomes da canção portuguesa moderna, Fernando Tordo, nascido em Lisboa em 1948, está prestes a completar 50 anos de carreira. Símbolo de uma geração da música interventiva, que conta com nomes como Zeca Afonso, Carlos Mendes, José Mário Branco, Sérgio Godinho ou Fausto, entre outros, compôs, ao lado do poeta José Carlos Ary dos Santos, temas com o estatuto de “Estrela da Tarde” e “Tourada”, esta última vencedora do Festival da RTP da canção de 1973. Como artista de vanguarda e afeito a desafios, Fernando Tordo desembarcou em solo brasileiro, no Recife, em fevereiro deste ano, terra que escolheu justamente pela riqueza cultural. Mostra-se entusiasmado com as pesquisas musicais que tem realizado em Recife e está realizando nova série de composições em que revela leituras da música e da poética pernambucanas.

A Revista *Intersemiose*, cuja 5ª edição versa sobre a relação entre literatura e música, propôs uma entrevista a Fernando Tordo para que nos falasse do seu processo criativo e da recepção da sua arte em Portugal e no Brasil.

Intersemiose: Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer a gentileza em nos conceder esta entrevista. O Brasil conhece muito pouco da música portuguesa, aliás conhece mal Portugal como um todo. Ao contrário, os portugueses sabem muito do Brasil, o que se deve, em grande medida, à intervenção das mídias. Os portugueses consomem telenovelas brasileiras, que se tornaram um produto de exportação e até de divulgação musical para o Brasil. Parece-lhe que existe, de algum modo, um processo inverso na relação colonizador – colonizado? E que consequências isso traria aos artistas portugueses que não têm acesso a este mercado?

Fernando Tordo: Sou eu quem agradece a curiosidade suscitada pela minha presença no vosso país. De fato, o que pode um cantor e compositor com 50 anos de carreira vir fazer para esta terra onde o que não falta é justamente cantores e compositores? Na realidade, o que se passa é que eu troco com a maior facilidade as questões da concorrência pela satisfação da minha própria curiosidade. Por que este afastamento? Por que os artistas brasileiros serem tão queridos em Portugal, e os portugueses não passarem aqui de cantadores e cantadeiras de fado, novos ou velhos? Parece-me que aqui entra a gra-

víssima responsabilidade dos portugueses nas áreas da cultura e dos mercados.

O desconhecimento do que se passa há décadas em Portugal relativamente à música é qualquer coisa de extraordinário, e que fatalmente tem que ter a ver com os poderes; e quando digo os poderes, quero dizer da ignorância da classe política. E quando digo ignorância, acrescento-lhe despeito, inveja, rejeição. Em Portugal, como em todo o mundo, os políticos substituíram-se aos artistas e não abdicam das luzes da ribalta que as suas máquinas de propaganda lhes puseram à disposição. Os artistas passaram a ser, para todos os partidos políticos, a “carne para canhão”, aquecendo as massas com meia dúzia de cantigas para depois, sim, entrar o verdadeiro artista, ao qual o cantor famoso acabou de estender o tapete vermelho ou de qualquer outra cor. É assim no Brasil? Desconheço. Mas foi assim em Portugal durante décadas, com alguns dos seus maiores nomes a dedicarem-se de alma e coração a causas e ideias com as quais concordavam, muito ou pouco, e aí variava consoante o cachê que o partido poderia ou não pagar. Aconteceu que uns foram muito bem tratados e outros aceites como uns patetas que estavam em “militância”

e, sendo assim, éramos todos iguais... E a igualdade, este tipo de igualdade, tarde ou cedo, traz maus resultados. Respondi à vossa pergunta? Creio que não.

Intersemiose: A sua geração corresponde à geração brasileira de Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que também se iniciou nos festivais da canção. Uma geração interventiva. Acredita que é com a sua geração que surge a moderna música portuguesa?

Fernando Tordo: Gosto de relativizar, e por isso considero que os fenômenos culturais são de tal forma dinâmicos que é para mim perigoso dizer que há uma nova qualquer coisa. A canção em Portugal cresceu nos últimos muitos anos, mas esse fenômeno é consequência direta de ter crescido muito antes da minha geração e por aí adiante, andando para trás. No Brasil aconteceu o mesmo, há uma geração que vocês citaram que é contemporânea da minha, mas somos todos frutos do que se passou no mundo com a chegada da televisão e da rádio em geral. Somos mais intervenientes porque o próprio fenômeno político cresce com a divulgação, e o limpo e o sujo aparecem em destaque e a uma velocidade até aí desconhecida. A canção

serve para protestar cantando, e isso tem uma originalidade que transforma o cantor e o compositor em elementos de luta necessários para fazer passar a palavra que se opõe e não tem outra forma de ser ouvida. A oposição por causa da censura, a censura por causa da oposição. E oposição aqui nada tem de parlamentar e bem arranjadinho; é olho por olho, dente por dente.

Intersemiose: Em nosso artigo *Auto da Pimenta: as navegações portuguesas revisitadas por trovadores contemporâneos*, uma abordagem ao disco dos compositores Carlos Tê e Rui Veloso, defendemos que, mesmo com indiscutível valor estético, diferentemente do que acontece no Brasil, aos poetas da canção popular portuguesa não é atribuído o estatuto de produtores de alta literatura, veja-se a não recepção nos meios acadêmicos de seus textos. Por que esta visão tão conservadora, esta separação de águas tão marcada entre poesia e texto para canção, quando a tradição poética portuguesa nasce justamente com canções: os cantares de amor e de amigo?

Fernando Tordo: É importante o trabalho que referem dos dois autores portugueses. Mas essa matéria, em Portugal, tem o seu

ponto mais alto, melhor e mais destacado, na obra de Fausto (Bordalo Dias). O que aconteceu com o *Auto da Pimenta* é que ele representa um mudar de rumo muito acentuado do habitual no trabalho dos dois autores, e o público da *Rapariguinha do Shopping* ou do *Xico Fininho* não está disponível para navegações estranhas ao que é costume. Em Fausto, encontramos as duas áreas, em grande quantidade e qualidade, com a vantagem de sempre ter sido assim.

Intersemiose: Gostaríamos que falasse do seu *modus operandi* para a construção de suas canções. O Fernando Tordo parte da melodia para depois colocar o texto ou parte da palavra?

Fernando Tordo: Com José Carlos Ary dos Santos, trabalhei sempre com música feita primeiro, só depois a letra. Aliás, falar de poetas na canção em Portugal e não falar de Ary dos Santos é o mesmo, ou pior, do que não falar de Vinícius aqui no Brasil. Deixou uma obra incontornável e irrepetível, e eu sou um compositor feliz por ter feito com ele cerca de noventa por cento do seu trabalho para canção. Insubstituível, é uma das razões da minha luta



por divulgar ao público brasileiro partilhando o que um poeta da nossa mesma língua comum escreveu.

Este processo torna ainda mais extraordinário o trabalho de Ary dos Santos, porque se trata de escrever textos de altíssima ou mesmo genial qualidade já “preso” a uma estrutura previamente estabelecida. A “Estrela da Tarde” que citaram, sendo o único, é um dos exemplos maiores que construímos neste processo

de criação. (*Estrela da Tarde* é também título de um livro de Manuel Bandeira)

Quanto a mim, já fiz, creio, de todas as formas possíveis. Neste caso, não posso esquecer que compus para doze laureados Nobel da Literatura, cantando em cinco línguas, tendo feito a música sem qualquer instrumento de apoio. Considerei desde o princípio que essa seria uma maneira de entregar ao arranjador um trabalho em que ele se pudesse integrar totalmente, deixando-lhe os desenhos harmônicos à sua responsabilidade. Saiu um disco lindíssimo, para sempre.

Intersemiose: Mesmo estando há muito pouco tempo em Pernambuco, o Fernando Tordo parece identificar-se bastante não só com a música, mas com a nossa cultura como um todo. Com o seu olhar de estrangeiro, tem percebido coisas que nós mesmos não sabemos. O que mais lhe tem chamado à atenção em Pernambuco e como isto já adentrou na sua criação?

Fernando Tordo: Aqui no Brasil, mandei fazer, ainda em Janeiro, uma viola caipira, que é um instrumento vindo diretamente da viola Campaniça, do Alentejo português. A novidade, para mim, é que, estudando um pouco mais a fundo o que este

instrumento pode ser harmonicamente, transformou-se, a meu ver, num excepcional instrumento de composição. Tenho musicado Ariano Suassuna, Manuel Bandeira, Mauro Mota, Mário Quintana. Tenho escrito as minhas próprias letras relatando, julgo que com alguma graça e profundidade, a minha vivência aqui no Brasil, especialmente no Recife. Tenho viajado alguma coisa, e destaco a ida a São Paulo, ao programa do Jô Soares, por interferência da amiga Fafá de Belém, de quem não esqueço o gesto tão solidário e bonito.

Tenho pedido insistentemente para poder atuar nos restantes Gabinetes portugueses de Leitura aqui no Brasil, dado que já atuei no de Recife. Considero importante que o meu tipo de trabalho em meio século seja também visto nos locais que no Brasil representam o nosso Gigante partilhado: a Língua Portuguesa.

Intersemiose: Modernistas como Ronald de Carvalho já afirmavam o distanciamento ou mesmo a perda da influência da cultura portuguesa sobre a nossa. Em tempo de globalização e de cultura digital, o que é possível fazer para estreitar estas relações? O que a canção pode fazer?

Fernando Tordo: Eu vou fazer um grande esforço para ter acesso primeiro ao público brasileiro, não descurando o mercado, mas com plena consciência de que a ordem certa desses fatores são público e depois mercado. Cinco meses de Brasil, se é que alguém, por mais que vivesse neste País, pudesse dizer que conhece o Brasil, ensinaram-me que a suspeita que sempre tive era correta; não é possível para um artista que fala a mesma língua integrar-se plenamente no Brasil sem viver cá. Não há tecnologia à distância que resolva esta questão. O Brasil precisa de sentir que se está com ele e que não se está a utilizar, nunca, o padrão colonizador/colonizado. E é igualmente importante que o Brasil saiba que há gente que nada tem a ver com os vícios de relacionamento que foram estabelecidos durante séculos. Partilhamos um gigante - a Língua Portuguesa - e é esse caminho que os nossos dois povos podem e devem trilhar. Se nos entendemos, por que nos desentendemos? Conheço alguns brasileiros que amam a música que se faz há muitos anos em Portugal, e que lamentam, como nós, que não seja divulgada aqui. Pretendo tirar o lugar a alguém? Seria para mim insultuoso que alguém pensasse que com sessenta e seis

anos de idade e cinquenta de carreira não me tivessem ensinado nada e pretendesse agora alterar a pessoa que sempre fui. Mas desejo travar esta luta pela divulgação do que fiz e faço e que é do total desconhecimento dos brasileiros. Quero fazer duetos com aqueles que percebem o que pretendo? Claro que sim, e tentarei essa abordagem, sem interesses comerciais por detrás disso. Mas nego tudo se acontecer um sucesso? Claro que não, até porque não pretendo reforçar a enciclopédia brasileira do anedotário sobre os portugueses...

Respondi às vossas perguntas? Continuo a considerar que não, mas já não há nada a fazer. ■